

SAFO DE MITILENE E A INVISIBILIDADE DAS MULHERES ARTISTAS

SAFO DE MITILENE Y LA INVISIBILIDAD DE LAS MUJERES ARTÍSTAS

Mariana Leal da Silva

Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas
hwang.lmari@gmail.com

Clarice Rego Magalhães

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Pelotas
maga.clarice@gmail.com

RESUMO

Safo de Lesbos foi uma importante poetisa da antiguidade grega. Seu legado faz surgir inúmeras representações no campo das artes visuais e também discussões no campo teórico, bem como controvérsias e narrativas conflitantes - como por exemplo, a respeito de sua sexualidade. A partir dessas questões é possível perceber a história como um campo de poder em que os diferentes discursos se constituem a partir dos olhos de quem encontrar-se na posse da escrita. Logo, busca-se no presente trabalho resgatar importantes pontos e questões presentes na vida de Safo, bem como representações posteriores realizadas por outros artistas - onde ela é personagem central - a fim de discutir a invisibilização na qual as mulheres têm sido postas ao longo da história e, relacionando a conceitos como os de poder e violência simbólica de Pierre Bourdieu e a heterossexualidade compulsória de Adrienne Rich, trazer à luz os meios que constroem/reforçam a dominação sobre o corpo da mulher, com o propósito de tentar destruí-los. Somente através de uma revisão crítica sobre nossa base teórico-artística e da busca por outras bases poderemos romper com o pensamento dominante e os padrões socialmente impostos, encontrando os sujeitos antes marginalizados que agora hão de tornar-se centro da própria história.

Palavras-chave: Safo. Invisibilização. História da Arte. Mulheres nas Artes. Feminismo.

RESUMEN

Safo de Lesbos fue una importante poetisa de la antigüedad griega. Su legado da lugar a numerosas representaciones en el campo de las artes visuales y también a debates en el campo teórico, así como a controversias y narrativas conflictivas, como su sexualidad. A partir de estas preguntas, es posible percibir la historia como un campo de poder en el que los diferentes discursos se constituyen a partir de los ojos de quienes poseen la escritura. Por lo tanto, el presente trabajo busca recuperar puntos y problemas importantes presentes en la vida de Safo, así como representaciones posteriores realizadas por otros artistas - donde ella es un personaje central - con el fin de discutir la invisibilidad en la que las mujeres han sido colocadas en el camino, y relacionando a conceptos como el poder y la violencia simbólica de Pierre Bourdieu y la heterosexualidad obligatoria de Adrienne Rich, sacan a la luz los medios que construyen / refuerzan la dominación sobre el cuerpo de la mujer, con el propósito de destruirlos. Solo a través de una revisión crítica de nuestra base teórico-artística y la búsqueda de otras bases podemos romper con el pensamiento dominante y los estándares impuestos socialmente, encontrando los sujetos previamente marginados que ahora se convertirán en el centro de la propia historia.

Palabras clave: Safo. Invisibilidad. Historia del Arte. Mujeres en las Artes. Feminismo.

1 - Considerações iniciais

Pouco restou das obras da poetisa Safo de Mitilene que viveu na Grécia Antiga durante o século VII, já que a igreja Católica as teria queimado. Em concordância com Mata (2009, p.3), “Erros de tradução, falsas interpretações, anacronismos em geral e questões ligadas à moralidade construída ao longo dos anos têm condenado Safo por séculos”, logo, devemos questionar os reais motivos das tentativas de apagamento da artista e de sua obra da história. A poetisa teria criado uma escola só para mulheres na ilha de Lesbos e suas poesias eram feitas em forma de lírica para serem tanto lidas quanto cantadas, sendo que as que chegam até nós nos dias de hoje nos levam a crer que os relacionamentos de Safo eram com outras mulheres, de acordo com o seu conteúdo. Há alguns trechos onde a poetisa faz referência a Átis, uma de suas alunas: “Quantas grinaldas, no seu colo, — Rossas, violetas, açafraão — Trançamos juntas! Multiflores | Colares atei para o tenro, Pescoço de Átis; os perfumes, Nos cabelos, os óleos raros | Da sua pele em minha pele! [...]”.

Essa independência de Safo, tanto ao fundar uma comunidade separada da sociedade, quanto ao expressar sua sexualidade livremente, era completamente condenada, já que às mulheres era relegada a vida política¹, e o relacionamento com outras pessoas “tão inferiores quanto” era considerado imoral. Por outro lado, a homossexualidade masculina - mesmo não oficializada pelos aparatos do Estado-cidade - era permitida na Grécia, e até mesmo, incentivada, como é o caso dos pederastas².

Há diversas versões que tentam impor uma heterossexualidade a Safo, como sua relação com Faón³, onde ela tentaria suicídio, ou mesmo um suposto romance com Alceu - um poeta contemporâneo de Safo. Na obra a seguir, Safo e Alceu são retratados juntos:

¹ Somente aos homens que seguiam certos critérios de classe/idade era permitido o título de cidadão, restando para as mulheres a vida privada e oculta do lar.

² Quando dois homens de idades discrepantes têm relações amorosas, onde o mais velho (professor) ensina o mais novo (aluno). Era como um ritual iniciático do jovem à sua vida na *pólis* (MARROU, 1990: 51).

³ Segundo Estrabão (Geografia 10.2.9 C452), o escritor grego Menandro, em um de seus escritos intitulado *Leucádia*, Safo teria se atirado ao mar Egeu por não ser correspondida pelo barqueiro Faón.



Imagem 1 – Kalathos (480-470 a.C.). Atribuído ao Pintor de Brygos. Museu de Antiguidades de Munique (Staatliche Antikensammlungen, Ref. 2416). Técnica: figuras vermelhas sobre fundo preto.

A heterossexualidade enquanto instituição, adentra todas as esferas possíveis visando manter e reafirmar o próprio poder. Na Grécia Antiga, por exemplo, de acordo com Mata (2009, p.2), “dificilmente as mulheres excediam ao ambiente doméstico, eram educadas para o matrimônio. O casamento representava uma garantia, uma transmissão da legitimidade cívica e dos bens familiares através da procriação de filhos legítimos”, portanto, para a manutenção do próprio poder, aos homens cabia tanto a imposição da monogamia para as mulheres, quanto a repressão de sua sexualidade⁴.

Na obra “Safo e Faón”, feita pelo artista Jacques-Louis David - considerado um dos representantes do neo-classicismo -, no início do século XIX, Safo é retratada novamente junto a Faón.

⁴ Obviamente, a heterossexualidade, enquanto uma imposição patriarcal, molda toda a estrutura das sociedades ocidentais, desde o período arcaico até a contemporaneidade. Precisamos entender, porém, “o reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas”, de acordo com Rich (1993, p.34).



Imagem 2 – Safo, Faonte e Cupido (1909). Jacques Louis David. Hermitage. San Petersburgo.
Técnica: Óleo sobre lienzo.

As interpretações acerca dessa pintura aproximam-se ao poema trágico de Menandro (341-291 a.C.), onde, de acordo com Mata (2009, p.4), ela teria uma “paixão pelo marinheiro Fáon, que ignorando seus sentimentos, faz com que ela cometa suicídio atirando-se ao mar, do penhasco de Leucâde”. Consoante com Navarro-Swain, (2004, p. 32) “Safo é ‘liberada’ de seu lesbianismo, é ‘recuperada’ a partir do relato de Ovídio⁵ sobre sua vida”, percebe-se que sucessivas vezes, a história tenta colocar Safo como heterossexual, vivendo um amor romântico, ignorando que “Safo e suas discípulas se reuniam para grandes festas, discussões e banquetes. Além destes eventos havia concursos de beleza feminina em Lesbos (DOVER, 1994, p. 244)”(MATA, 2009, p.4), e que, de acordo com Rich, a priorização de direcionamento das energias a outras mulheres⁶ constitui-se como ato importante para retirar o acesso dos homens ao controle físico e intelectual das mulheres.

⁵ Nota de rodapé da autora Navarro-Swain: “OVÍDIO, Heroides, XV, Paris, Les Belles Lettres, edição de 1965. Citado por Marie Jo-Bonnet (Bonnet, 1981: 65)”.

⁶ De acordo com o site *QG Feminista*, em um post intitulado “Lesbianismo político — definições e aplicações”, sobre o lesbianismo político: “Nada disso tem a finalidade de romantizar a lesbianidade [...] nem fazer crer que os problemas da vida das mulheres se resolverão ao se assumirem lésbicas ou ao direcionarem suas energias para relações entre mulheres[...]. Até porque, feminismo não é sobre tornar a vida das mulheres mais confortável a curto prazo, mas sim para que se atinja um patamar de transformação social característico de revolução”. E também, “a teoria do lesbianismo político enquanto um processo não é direcionada apenas a feministas não identificadas como lésbicas, mas também às lésbicas que desejam politizar a própria sexualidade” (2018).

2 - Uma história que se repete

De acordo com a autora Andrea Nye (1995, p. 119) que, em seu livro *Teorias Feministas e as Filosofias do Homem* trata acerca de diferentes abordagens feministas ao longo dos tempos, Beauvoir com *O Segundo Sexo* teve papel fundamental nas teorizações de segunda onda que se seguiram, por que, a partir de sua teoria, surgiram outras como “o patriarcado é a constante universal em todos os sistemas políticos e econômicos [...] o sexismo data dos inícios da história [...] o patriarcado é um repertório de manobras nas quais os sujeitos masculinos firmam o poder sobre objetos femininos [...]”. Levando em conta essas afirmações e principalmente, a consciência de que o gênero⁷ é a raiz de toda a opressão das mulheres, o conceito de *Heterossexualidade Compulsória*, cunhado por Rich, nos mostra também que, dentro de um sistema patriarcal, há diferentes meios de repressão do corpo feminino - em seus mais variados âmbitos:

“Algumas das formas de o poder masculino se manifestar são mais facilmente reconhecidas do que outras, ao reforçar a heterossexualidade sobre as mulheres. [...] na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, [...] expressando o controle da consciência feminina [...]” (RICH, 1993, p. 26).

Assim como a heterossexualidade compulsória se constitui como um violento ato à sexualidade feminina - como no caso de Safo - de uma forma geral essa e outras instituições, se propõem a retirar o poder das mulheres e negar o protagonismo das mesmas nos espaços. Quanto ao apagamento da mulher enquanto sujeita da própria luta, se faz necessário estabelecer um paralelo com o contexto da antiga União Soviética⁸, que tinha por objetivo a implantação de um governo comunista. Para Alambert (1986, p. 57), “muitas foram as conquistas da mulher soviética no plano de trabalho, do estudo, da cultura, da política etc [...] No plano teórico, Lênin [...] vinculou fortemente a questão feminina ao problema social mais geral”, contudo, como sabemos, suas propostas de resolução às condições das mulheres partiam da luta de classes e não das próprias mulheres enquanto movimento organizado independente. A questão do gênero era, como a autora sublinhou, vinculada ao quadro geral e, portanto, posta em segundo plano:

⁷ O gênero aqui, define o conjunto de características impostas aos homens e mulheres unicamente a partir de seu sexo - homens devem ser fortes e valentes e mulheres passivas e submissas. A diferenciação e criação de papéis diferentes para cada sexo, estrutura-se hierarquias, onde o homem é o ativo-superior e a mulher passiva-inferior.

⁸ A revolução se iniciou em 1922, mas teve suas bases com a Revolução Russa de 1917.

especificidades pertinentes às mulheres eram tomadas como menos relevantes pois deveria-se manter o foco na luta de classes para depois preocupar-se com “problemas menores”.

Já dentro do campo das Artes Visuais, é possível citar o coletivo Guerrillas - ativo desde 1985 -, que faz arte urbana questionando e ironizando problemas sociais. A obra “*Do Women Have to be Naked to Get into the Met. Museum?*” (As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu Metropolitan?), questiona por que há tão poucas mulheres artistas no museu enquanto que, sendo retratadas nuas, elas são a maioria.



Imagem 3 – “Do Women Have to be Naked to Get into the Met. Museum?”(2005). Guerrilla Girls.

Com a discussão proposta pelas artistas, é possível pensar os meios de produção de conhecimento como campos de estruturação de poder em que a relação assimétrica entre os gêneros sustenta um sistema maior em diferentes tempos e contextos. A presença mínima de mulheres nos lugares - quando existente - nos mostra o quanto somos constantemente invisibilizadas/violentadas - física e simbolicamente - e que isso, contribui para que pensemos que realmente não devemos ocupar tais espaços. Assumir nossa posição enquanto vítimas do patriarcado é um passo importante no reconhecimento da nossa realidade material para que assim, consigamos romper com a hegemonia presente nas relações gênero, que desde o período arcaico vem se repetindo.

3 - A dominação simbólica e a violência simbólica

Bourdieu - sociólogo francês - nos traz dois conceitos importantes que servirão para compreender o funcionamento dos instrumentos de poder utilizados para estruturar e manter a constante subjugação das mulheres. A dominação se dá a partir de diversos mecanismos que,

em conjunto, atuam com um mesmo objetivo⁹, mas em diferentes áreas e meios, é como uma grande estrutura na qual todas as peças interdependentes sustentam um ideal e conseqüentemente a própria estrutura. Nas palavras de Bourdieu, *o poder simbólico* é um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8), o que consiste portanto em dizer que, tanto a imposição dos opressores sobre os oprimidos, quanto a crença - ou amor - do oprimido pelos opressores, servem por manter o patriarcado uma rede que continua existindo nos dias de hoje. A *violência simbólica* determina e é determinada de forma a, juntamente com o poder simbólico, garantir a imposição de uma hierarquia do dominador sobre o dominado, ou melhor:

“É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados» (BOURDIEU, 1989, p.11)”

Conforme já descrito aqui, um bom exemplo de poder simbólico é o que acontece a partir da história que nos chega hoje, quando percebemos que a maioria das produções ou são masculinas ou servem ao poder masculino¹⁰. No campo da produção de conhecimento - como na história ou literatura -, vemos um dos maiores espaços de manifestação dos poderes conflitantes e imposição do poder dominante sobre seu objeto. Esses sistemas simbólicos dos quais Bourdieu fala servem como uma cadeia de representações que estruturam e sustentam a dominação simbólica no qual os sujeitos estão postos.

Para a autora Kate Millet, citada por Nye (1988, p. 121), “o consentimento das mulheres é obtido por meio da socialização. As mulheres nem sempre são governadas pela força”, assim, a dominação simbólica se faz possível por que as mulheres são “ensinadas” a crer em um dever de “obediência”, o qual é construído pelos homens seguindo um discurso de “natureza

⁹ O sistema patriarcal, onde suas ações inferiorizam a mulher para que a outra parte - o homem - seja beneficiada. Como parte desses mecanismos de subjugação também é exigida a reafirmação esporádica dos conceitos que sustentam os pilares do sistema - por exemplo, a partir de ideias presentes na filosofia, na igreja, na biologia.

¹⁰ Temos de nos atentar ao fato de que o poder masculino parte dos homens, mas que, como instituição fortemente enraizada, se faz presente também nos discursos de mulheres. Em concordância com Nye “o consentimento das mulheres é obtido por meio da socialização [...] A vontade masculina de que a mulher assumia um papel subordinado é mascarada nas teorias de uma ‘natureza’ feminina (NYE, 1988, p. 121)”, logo, a mulher passa a acreditar no que foi criado a respeito dela mesma e muitas vezes, colaborar com a dominação direta em que os homens já se encontram empenhados.

feminina”. A socialização enquanto instrumento de poder é construída desde que nascemos, onde ter um determinado sexo nos impõe determinados papéis sociais, ou, nas palavras de Nye (1988, p. 121), “Instituições de socialização, sobretudo a família, garantem que essa ‘natureza’ reapareça em cada geração pela mediação entre estrutura individual e social [...] a afirmação do poder patriarcal implica um extenso repertório de estratégias e atitudes”, portanto a dominação simbólica é todo um sistema de imposições - por muitas vezes com violência física -, uma rede constituída de diversos discursos¹¹ que têm em comum a finalidade de exploração das capacidades físicas/intelectuais das mulheres.

4 - Considerações finais

A partir do que foi exposto, busca-se resgatar essa história que há tempos tem sido apagada e distorcida em diversas instâncias, como é o caso de Safo de Mitilene. A única obra inteira da poetisa que nos chega hoje, encontra-se no livro *De La Composition* (séc. I a.C), de Denys d’Hallicarnasse. Em consonância com Navarro-Swain:

“[...] o que se sabe da História da humanidade depende de certa racionalidade impressa aos fatos, é uma história, uma narração cujas conexões são arbitrárias. Isso significa que os olhos veem o que querem e podem ver através de uma “política do esquecimento”: apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época. (NAVARRO-SWAIN, 2000).

Contudo, o resgate da história da poetisa nos permite ver que esses discursos dominantes não conseguem eliminar completamente os vestígios de outras formas de existência que batem de frente à heterossexualidade compulsória - a existência lésbica -, e de certa forma, sabemos que na própria “comunidade” fundada por Safo, ela era venerada. De acordo com Tania Navarro-Swain,

“[...] não se destruíram os clássicos gregos que se referem constantemente aos poemas de Safo e à beleza dos sentimentos que exprimem. Dos fragmentos que deles restaram ficou a paixão, o tormento, os sentimentos que turvam na visão, na presença da amada [...] Safo era altamente considerada, estátuas foram erigidas em sua honra, moedas cunhadas com sua efígie (Klaich, 1976:162)” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 30)

¹¹ Discursos esses que têm origem nas falas de filósofos como Hume (Livro III, parte II, seq. VIII), de acordo com Nye (1988, p. 19), “os homens são os chefes naturais do lar [...] os homens são porta-vozes adequados para a família. Como Aristóteles antes dele, Hume argumentava que há diferentes virtudes para as mulheres. Recato e castidade são virtudes para as mulheres, mas não para homens. As mulheres são o ‘belo sexo’ com ‘virtudes femininas’”; democratas como Rousseau, “as mulheres, sentenciava ele, são naturalmente mais fracas, apropriadas para a reprodução, mas não para a vida pública” (NYE, 1988, p. 20).

A existência de outros discursos - constantemente empurrados à margem - e sua reconstrução histórica nos abre caminhos para a quebra dessa polaridade que nos é imposta reiteradamente: a oposição entre homem e mulher - construídos socialmente - necessária à dominação simbólica e física desta. Para tal - a retomada do discurso a partir de suas vozes reais -, vemos um quadro da artista do século XIX, Amanda Brewster Sewell, onde Safo é retratada com suas alunas, de forma não romantizada e sem o olhar masculino¹² sobre a mesma.



Imagem 3 – Sappho (1891). Amanda Brewster Sewell. Hermitage. San Petersburgo. Técnica: Óleo sobre tela.

Enquanto instrumento político, a arte tem papel fundamental na (re)construção dos discursos, e, aliada à história, tem o poder de nos fazer compreender nossa realidade material, e, assumindo nossa posição como vítimas de uma socialização masculina - que vem de séculos -, nos possibilitar mudá-la a partir de novas narrativas que nos constituam enquanto sujeitas pensantes e protagonistas. Diferentemente do que observamos nos discursos presentes na antiga URSS ou nos museus de arte, devemos romper com o poder dominante através do que temos de mais potente - a produção de conhecimento. A exposição e destrinchamento da base que serviu para instituir a dominação simbólica sobre nós - e a compreensão do que nos trouxe à situação atual - é um primeiro passo para que, a partir disso, encontremos os meios de revolução de uma sociedade alienada e alienante que continua a expropriar o trabalho das mulheres,

¹² Retomando o quadro das *Guerrillas*, onde vemos o questionamento acerca de homens que pintam primordialmente mulheres nuas, para seu próprio prazer e a partir de sua visão unilateral, e onde as artistas mulheres não são nem mesmo reconhecidas pelos seus feitos, sendo incessantemente vítimas de apagamento.

violentá-las e a não propor alternativas à heterossexualidade, bem como a imposição coletiva de outras instituições igualmente violentas. Nas palavras de Adrienne Rich:

“No interior da instituição, há, obviamente, diferenças qualitativas de experiência, mas a falta de escolha ainda permanece como a grande realidade que não é reconhecida, e, na falta de escolha, as mulheres permanecerão dependentes diante das chances ou da simples sorte de relações particulares e não terão poder coletivo de determinar o significado e o lugar da sexualidade em suas vidas” (RICH, 2004, p. 44)

A obrigação da heterossexualidade para com Safo e, conforme exposto na contemporaneidade com autoras da 2ª onda do feminismo, a colocação da sexualidade como algo “pessoal” pela sociedade limita nossa capacidade de ação para com essas questões. É preciso que compreendamos que esses casos se repetem estrategicamente como manobra de controle do poder masculino sobre nós mulheres, bem como afirma Bourdieu com os conceitos de dominação e violência simbólica. É preciso que compreendamos que os usos da história como meio de controle configuram-se como uma das maiores violências possíveis aos sujeitos, visto que não somente modifica existências, como também pode às ocultar completamente.

A respeito das mulheres artistas, é preciso resgatar essas figuras para que deixemos de ver a história da arte como constituída em maior parte por homens, e vejamos que não somente houve mulheres notáveis nas artes, como poderiam ter havido muito mais se lhes fosse permitida a entrada nas academias da mesma forma que aos homens. A história - enquanto geradora de estruturas de poder - deve também servir a um trajeto de resistência, onde os sujeitos das ações possam registrá-las por si mesmos, para que não somente se encontre representatividade nas diversas áreas de conhecimento como também façam parte de nossa base teórica. Quando percebemos que “o pessoal é político” (lema criado pelas feministas a partir de Beauvoir), nossa turva visão se abre a possibilidades, e a potencialidade de revolução/destruição de todo esse sistema engendrado - uma rede de imposições conectadas e interdependentes -, torna-se possível através dessa mesma teoria que antes nos aprisionava.

REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: O Ponto de Vista Marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. Tradução: Déborah Danowski. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARROU, Henri Irenée. **História da Educação na Antigüidade**. São Paulo: EPU, 1990.

MATA, Giselle Moreira da. **Alétheia - Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo**, v. 1, n. 01, jan.-jul. 2019. p. 1-15. Disponível em: <http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/DA_MATA.pdf>. Acesso em: 20.09.2019.

MEDIUM - QG Feminista. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/lesbianismo-pol%C3%ADtico-defini%C3%A7%C3%B5es-e-aplica%C3%A7%C3%B5es-ba2c39bbaf9d>>. Acesso em: 20.09.2019.

NAVARRO-SWAIN, Tania. *Deusa esquecida, Safo destruída*. In: **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Record: Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 1995.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012. p. 17-44. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>>. Acesso em: 20.09.2019.

SAFO. **31 poetas 214 poemas: do Rigveda e Safo a Apollinaire**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.